Jornal defensor dos interesses de Guimarães e o de maior tiragem e exp[illegible] de Martins Sarmen[illegible]ncelho.

Notícias de Guimarães

Ano 17.º — N.º 885

GUIMARÃES, 1 de Janeiro de 1949

Red. e Adm., R. da Rainha, 56-A. Tel. 4313

Comp. e Imp., Minerva Vimaranense. Tel. 4177

Visado pela Censura. Avença

Director, editor e proprietário—ANTONINO DIAS PINTO DE CASTRO

Sol nascente!

1949

Se há acontecimentos que não falham à realidade do calendário, entre eles se encontra aquele que hoje se apresenta aos povos de todo o mundo, sem limites de fronteiras dos grandes e dos pequenos Estados. Esse acontecimento, que hoje se apresenta como o início de uma nova era de esperançosa espectativa de melhores dias para a Humanidade, é o ano de **1949**, herdeiro de pesados e variados compromissos de que o seu antecessor não se pode isentar. Encontramo-nos, por isso, no alvorecer de novas esperanças e oxalá que estas possam ser satisfeitas no decorrer do ano que hoje principia a ter lugar no destino que o mesmo tiver de seguir. Não se trata, portanto, de um simples *render de guarda* — como é vulgar dizer-se — mas, pelo contrário, trata-se de ingressar no âmbito de uma interrogação através da qual uns verão o futuro pelo prisma do optimismo e outros, os menos crentes nas possibilidades de dias mais felizes, pelo prisma do pessimismo.

De facto, se o passado nos servisse de garantia do futuro, no presente caso, nós não poderíamos contar com a bonança da tempestade que tem assolado todo o mundo, nos últimos anos, quer durante a guerra declarada, quer durante a paz não efectuada. Porém, a união e os esforços de todos os Homens de boa vontade não permitirão que o Ano de 1949 deixe de ser portador da efectivação das justas e fervorosas aspirações da Humanidade que constitui a parte sã e de um mundo são. E se assim acontecer, o Novo Ano será o desejado mensageiro da felicidade dos diferentes povos, sem distinção de raças nem de ideologias. São estes os votos mais ardentes que todos devem fazer e, então, o vulcão das discórdias e das paixões, que tem tentado destruir a solidariedade humana, deixará de se manter em ruinosa e devastadora actividade para dar lugar a uma Paz que dignifique a Civilização e o patriotismo de quem odeia as perturbações e as confusões do século em que vivemos. Bem vindo seja, pois, o Sol Nascente — 1949!

M. M.

Avaliação de prédios urbanos

para efeitos de renda

De harmonia com uma disposição da Lei do inquilinato, os respectivos senhorios podem requerer uma avaliação aos prédios arrendados para efeitos de possíveis aumentos das rendas actuais. E' justo sem dúvida, esse direito, mas não é menos justo que nessa avaliação sejam tomadas em devida consideração as condições em que se encontrem os mesmos prédios, designadamente aquelas que dizem respeito a higiene e a outras modalidades de conforto. Evidentemente, que uma casa de habitação sem o devido saneamento e sem outras comodidades que proporcionem ao inquilino um certo bem estar, nunca poderá ser considerada uma habitação em condições de corresponder às indispensáveis necessidades da vida dos inquilinos que as habitarem.

E' dentro deste critério que a referida Lei do inquilinato prevê esse recurso dos senhorios, nos quais bastantes se devem encontrar que nunca tiveram em atenção esses direitos dos inquilinos, tratando-os como seres inferiores sob o ponto de vista que acabamos de referir.

E em Guimarães, onde o problema da habitação se encontra muito longe de uma solução satisfatória, como, aliás, se poderá constatar não só pela falta de casas, como ainda pelo péssimo estado de outras que estão habitadas, mais necessário se torna que a desvairada ganância dos maus senhorios seja repelida pela justiça que deve ser feita aos inquilinos que habitarem casas dessas natureza, onde a própria saúde é sacrificada.

Conhecemos famílias que só pela força de circunstâncias se sujeitam a esse sacrifício, facto de que os tais senhorios não querem saber, visto só lhes interessar uma renda elevada e nada mais. E a juntar a estas breves considerações, poderemos citar mais as seguintes:

Ninguém poderá ignorar que existem inquilinos que, em época de vida normal, pagavam uma renda muito superior àquela a que eram obrigados em face do rendimento ilíquido inscrito na matriz. Nestas condições, não terá havido para os senhorios, assim beneficiados, uma compensação para a vida anormal do presente?

E se a contribuição predial urbana depende do rendimento do prédio, não terá sido prejudicado o Estado na arrecadação das suas receitas? Por outro lado, não teriam certos senhorios, em consciência, de tomar essas circunstâncias em consideração para serem mais humanos e mais ponderados perante uma emergência da vida que a última guerra provocou? Para já, não vamos além destas considerações gerais, reservando a apreciação de algum caso concreto para melhor oportunidade.

S. M.

ENVELHECER

Fogem os anos apressadamente,
Numa velocidade quase incrível!...
E passa, passa o tempo pela gente
No seu ginete alado, inconcebível...

Na doida cavalgada nem se sente
O que resta de nós, do nosso nível:
O corpo entorpecido e molemente
Curvado pra o abismo do horrível...

E como os anos voam... voam... voam...
...Quando eu era rapaz, ó quão saudosos
Eram aqueles anos vagarosos

Que tão longe de mim, tão longe ecoam,
(E lembrança que em mim jamais se morre):
No seu ginete alado o tempo corre...

Fim do Ano de 1948.

DELFIM DE GUIMARÃES.

O guri café com leite

— Hoje não quero sair. O pequeno não está bem.

— Não vejo que esteja doente.

— Sinto que não está como de costume. Preferiria ficar junto dele.

— Compreendo! Tudo mais conta do que eu. E' por isso que adias constantemente a data do nosso casamento?

— Mas...

— Não há mas nem meio mas. Ou vens comigo ao animatógrafo ou então...

Ela esperou pelo resto da ameaça — que não veio. Então quebrou e foi pôr o casaco.

Passou pelo quartinho do Zé a ver se estava adormecido e colocou-lhe perto a garrafa "termus" cheia de café com leite açucarado. Beijou-o, ao de leve, e saiu.

No *Condes*, enquanto no celuloide corriam as desgraças das actualidades, ela estremecia de angústia: «O seu Zèzinho que ficara só... e se houvesse algum incêndio?»...

Ele procurou a sua mão e ela tentou sorrir-lhe.

Aquele homem não era o pai do Zé. Esse, pouco tempo depois de a desgraçar, abalara para fora do país. Disseram-lhe, depois, que arranjara por lá um rancho de mulatinhos, o que tanto podia ser mentira como verdade.

O certo é que escrevera apenas ao princípio e depois nunca mais dera sinal de si. Mortas todas as promessas, acabada toda a esperança, Maria do Carmo deixara de esperar.

Mas não o esquecera, no jeito que tinha de lhe dizer quanto lhe queria e na ternura com que a sua boca suplicava.

No homem que acompanhara ao cinema, via apenas a forma de dar um nome ao seu filho.

Mas quanto lhe custava a suportá-lo! Era brutal, exigente no que ela não queria ceder, desconfiado e egoista.

Começou o filme grande e ela prendeu a atenção àquele amor que a heroína continuava a sentir pelo ausente.

Raimundo olhava-a, de soslaio, e, a certa altura, deu-lhe um beliscão, ao ve-la embevecida, não sabia se no passado se na película.

Assustou-se.

— Que é? Magoaste me...

— Quem está aqui? Eu ou uma cadeira? Parece que ficaste só na sala, não tens olhos senão para aquela bonecada.

Em voz baixa e calma, ela replicou:

— Não me trouxeste para ver a fita? Bem sabes que a vontade de cá vir era nenhuma.

— Claro! Bastava saires comigo, só comigo para não teres vontade. Bruto sou eu em não vir sem ti. Convido-te, gasto dinheiro e ainda é esta a paga que tenho.

— Cala-te, que incomodas toda a gente.

— Não calo nada. Hei-de falar quanto me apetecer. Quem não estiver bem que se mude.

— Então vamos embora.

— Pois vamos. Estou farto desta porcaria de filme. E do resto também.

Sairam.

Na rua, ele continuou a increpá-la.

— E não julgues que te vês, agora, livre de mim. Vamos para qualquer Café.

Ela pediu:

— Ouve Raimundo, eu antes queria ir para casa.

— O que tu queres ou não queres, é que me há-de fazer mossa. Vens comigo e vens mesmo!

Estavam no passeio, agitando-se muita gente em seu redor e passando carros em fila, na sua frente.

— Atravessemos agora — disse ele, tomando a dianteira.

Maria do Carmo não o seguiu. Voltou para trás e, metendo-se entre a multidão que formigava pela Avenida da Liberdade foi para trás, indo ter à rua de Santo Antão. Quase a correr, entrou para um táxi. Daí a momentos estava em casa.

Meteu pelo portal e subiu ao terceiro andar.

Aí foi a casa da vizinha buscar a chave que costumava lá deixar, não fosse o pequeno acordar e precisar de qualquer coisa.

Estranhou ver luzes acesas e o coração deu-lhe um salto ao ouvir vozes.

Maria Santíssima! Seriam ladrões?

Fez barulho, tossiu — e as vozes calaram-se.

— Zé! Meu filho! — gritou, angustiada, entrando no quarto.

— Ah!

E ficou imóvel, de boca aberta.

O Zé, com a cama cheia de brinquedos, fazia as honras a um grande paio, às boroas e aos figos com amêndoas e nozes que estavam sobre a mesita. Nas chávenas, o café com leite.

E não estava só: acompanhavam-no um homem bem posto, de sorriso terno e fontes a branquejar e um mulatinho de vivos olhos brilhantes e cabelo encarapinhado como lã de cordeiro.

— Mãe! Cá está o pai!

— Tu choras, Maria do Carmo? — exclamou o homem, levantando-se comovido. Bem hajas, pois nessas lágrimas leio o meu perdão! Não nos vais mandar embora, bem o sinto. E este meu gurizinho «café com leite» pode também ficar, não é verdade?

Aurora Jardim.

Bispos

de Angra e da Guarda

De visita a suas famílias encontram-se em Guimarães os nossos ilustres Conterrâneos e Venerandos Bispos de Angra do Heroismo e Coadjutor da Guarda, Rev.mos Senhores D Guilherme Augusto da Cunha Guimarães e D. Domingos da Silva Gonçalves, aos quais apresentamos respeitosos cumprimentos.

PENUMBRAS

XVIII

Ricardo entrou como um furacão pelo quarto dentro. Trazia nos olhos ainda bem viva a odiosa cena da casa de D. Clara e nos ouvidos o seu próprio nome angustiosamente proferido por Maria Eugénia, que ecoava agora como uma voz longínqua segredada, cochichada, que o fazia estremecer de horror e acordar com remorsos todos os seus segredos.

Aquele, Ricardo!, Ricardo!, constante, aflitivo, era como o chamamento final, acusatório, de quem pede contas e exige castigo dos seus actos. Lembrou-se da Mãe, do seu apurado sentimento de justiça e da presteza em castigar, por vezes, com excessivo rigor todas as suas faltas.

Aquela corrida desordenada até ali era compulsão invencível e traduzia um conflito profundo e doloroso! Necessitava apenas de finalidade, de remate eficaz. Aquela inicial descarga nervosa, obsessiva, quase inconsciente, reclamava objectivação, realidade, satisfação imediata. Motivações simbólicas exigiam ritualismo, realidades simbólicas.

Entrou no quarto para destruir todo o seu passado, erguido e mantido por tantas recordações; a indulgência acolhedora daquele meio; o esconderijo enganador da sua própria consciência. Queria sentir-se livre por fim daquela emaranhada teia, daquele labirinto, sem disfarces, sem aquelas sombras disformes perpassando lugubremente, sempre presentes. Queria ser homem forte, sem liames, sem vínculos coniventes, com consciência ampla, bem aberta, omnímoda. A vingança contra a sua própria infância ia ser medonha, implacável. Ia punir-se — resgatar o passado, eliminá-lo. Os factores inconscientes do seu pensamento dominante iam finalmente materializar-se, canalizar-se, através de um fluxo de acções punitivas. Ao deparar, porém, com Clotilde, ostentativa, imóvel, espectral, sentiu com o estorvo da sua presença inesperada toda a raiva daquela contrariedade.

— Que estás aqui a fazer? — perguntou com modos violentos.

— A' tua espera! Já sei que vais casar...

— Que tem isso?

— Nada! Vim apenas ocupar o meu lugar; lembrar-te que faço parte da tua vida... como os teus móveis, os teus livros, os teus brinquedos... — disse Clotilde com ar sombrio e misterioso.

Ricardo, cuja impaciência e nervosismo iam aumentando, olhava com despreso para a irmã que continuou com decisão:

— Senti saudades do nosso lar, das ternuras do nosso pai, dos seus carinhos...

— Mas o Pai morreu!

— Mas não morreste tu!

— Para ti, sim! Tenho novos planos...

— Como te hás-de livrar de mim?!

— Pondo-te na rua! Desde que fugiste tudo mudou.

— Não basta isso, mata-me se tens coragem. E Clotilde com frieza e firmeza apresentou-lhe um corta papéis de metal, esguio, afilado e aguçado coma um punhal: Pega, toma, mata-me. Paga todo o ódio que te tenho.

Os olhos de Clotilde brilhavam de tal maneira que Ricardo estremeceu.

— O pai morreu, mas fiquei eu para continuar o seu ódio. Sim, ele odiava-te também, despeitado pelas atenções e carinhos que nossa mãe te prodigalizava.

— Monstro!

— E tu que és? Sôfres? E' essa a minha maior vingança. Quis assistir a isto, ver-te sofrer, ver a minha própria vingança. Tens novos planos?! E eu?...

Ricardo passou a mão pela testa banhada de suor frio, como para afastar o desejo de a matar. A irmã notou-o e continuou, como quem brinca com fogo:

— Vá, livra-te de mim e de tudo isto se podes!

Ricardo, automàticamente, inconscientemente, arrancou lhe das mãos o corta papéis. Clotilde chegou-se a ele, salientou o peito, ostentando-o provocadoramente, ferozmente. Ricardo, aturdido, alucinado, vibrou-lhe um golpe rápido e profundo so-

Falta de espaço

A grande falta de espaço com que lutamos tanto no número passado como no presente, impossibilita-nos de dar publicidade a muitos assuntos que temos em suspenso.

A seu tempo, porém, tudo se arrumará.

FARPAS

Tu que me dizes, leitora?
Não leste? Uma senhora
«Disse o SIM p'lo Telefone»
E, assim, se realizou
O casamento e ficou
Casada com o «Tirone»!

Não compreendes que em Milão
O *lindo* noivo em questão
Podia ser enganado?
Uma velha desdentada
Com a voz *adocicada*
Dava esse SIM desejado!

Depois... a desilusão!
O divórcio, essa função
Que jamais desaparece!
Palavrões e na refrega
Não ter pais para a entrega...
— Se a velha não os tivesse!...

Não se lembra o mafarrico
Desta, meu «pipi», meu «rico»
De gabardine dobrada!
Coisas como no cinema...
Um simples telefonema
E a mulher está casada!

Se este caso extravagante
A resolver num instante
Fosse aqui em Portugal,
No Telefone o sargento
Gastava o seu vencimento
E o custo do enxoval!

Se neste ano foi assim
Que trará o Benjamim
Que à meia noite nasceu!
Ou a *cousa* está perdida
E estamos no fim da vida
Ou o povo enlouqueceu!

Darmoa.

BANQUETE DE HOMENAGEM ao Sr. António J. Pereira Lima

Informam-nos que é já muito elevado o número de pessoas de Guimarães e de fora, inscritas para o Banquete de Homenagem ao Ex.mo Sr. António José Pereira de Lima que, como temos noticiado, se realiza no dia 23 de Janeiro, às 13 horas, no amplo Restaurante do Teatro Jordão.

A Comissão Promotora dessa homenagem tem recebido muitas adesões de diversos pontos do país, fazendo-o algumas pessoas com palavras de aplauso àquela iniciativa.

Águas passadas...

Um jurado que erra e um delinquente que reincide

Acabou há muito a instituição do Juri. Era, o que se chama, uma instituição democrática. Também fiz da constituição de alguns Juris para julgamento dos contraventores das leis e dos costumes.

Um dia sentou-se no banco dos réus um rapazinho. Do processo constava: Era o seu primeiro delito. Mas, por seu mal, esta primeira delinquência havia ultrapassado a raia do furto. Mereceu a classificação de roubo.

Nenhum antecedente era contra o réu. Bem comportado. Trabalhador. Nada constava na polícia. Todas as testemunhas confirmavam os seus bons antecedentes.

Por que não havíamos, nós, julgadores *de facto*, atenuar a situação do réu, pondo do seu lado as atenuantes e as derimentes que lhe aliviassem o castigo?

Demais — era o seu primeiro delito. Talvez que, com um pequeno castigo, uma leve pena, se salvasse o infelicitado rapazinho.

Foi nestas simpáticas, nestas generosas disposições, que me propuz orientar o meu voto. Para minha satisfação, vi que eram essas também as disposições dos meus colegas do Juri.

E, à face dos quesitos, lá fomos apondo as respostas correspondentes: *Está ou não está aprovado.*

Tudo, enfim, nos parecia fácil. Para que seria preciso entender, saber interpretar os códigos do Direito e da Jurisprudência? Se tudo estava expresso na confissão do réu, no depoimento perentório das testemunhas, para que nos meternos no aranzel, no embróglio das leis? Guiados pela Verdade, pela Razão, pela Justiça — a coisa parecia-nos simples, sem osso nem espinha. Humanamente, de mão na consciência, deliberamos. Sem pressão, nem excitações, deliberamos.

E fomos, de cabeça alta, entregar o resultado do nosso labor de *Juizes sem toga*, ao Magistrado Judicial.

* * *

Um momento depois, era lavrada a sentença.

E porque o roubo foi praticado *de noite* e *por escalamento*, o réu apanhou uma sentença carregada, com todos os chumbos!

Fiquei aterrado! Digo mais: envergonhado!

Semelhante sentença, não foi por nós prevista. Quiseramos o contrário. Tudo nos parecia que, pelas respostas dadas aos quesitos, tinha um resultado diverso. Só então compreendemos que, o *talhar* sentenças à maneira singela do entender do povo — que era a nossa maneira e mais a de todos os jurados — brigava tantas vezes com a *maneira técnica* de talhar sentenças no foro judicial. Assim, para que o réu tivesse pena aliviada, seria preciso *negar* o que foi evidente: — o escalamento, perpetrado de noite.

Pobrezinho, de parco saber, não vi que a Justiça tinha os olhos vendados e uma espada na mão.

Se a Justiça fosse *justa*, ela teria tido a mão mais leve ao descarregar a espada. Sua sentença não seria *vingadora*. Seria, apenas, *correccional*.

Mas a Justiça, que tinha os olhos vendados e a espada na mão, mandou o réu incipiente para o cárcere, juntar-se ao vasadouro de todos os detritos humanos — ladrões, assassinos, vadios, vigaristas, pederastas, todo o género enfim de cadastrados e falhados.

Ali esteve, naquela fermentação pútrida de nitreira, durante longos meses.

Como sairia dali o incipiente moço, que delinquiu e foi condenado com severidade?

A seu tempo o saberíamos.

E esse momento chegou, ocorrido um ano, talvez.

Chegou, não para me revelar uma surpresa, mas para me disparar esta formidável e desconfortante verdade proferida pelo Delegado Procurador da República:

— *Ah! sim, bem me lembro desse réu* — dizia-me o Delegado Procurador da República, quando lhe fiz luz do julgamento em referência. — *Esse réu, por sinal já cá voltou...*

Tinha voltado ao banco dos réus. O incipiente, fez-se «mestre». O ambiente da cadeia, foi a sua escola técnica. Lá dentro, com a malta, aprendera o que não sabia. A cadeia fora, para ele, — *Universidade do Crime.*

Era, afinal, mais uma razão para me lastimar da crua ignorância com que respondi aos quesitos. Minha culpa! minha culpa!

Para amenésiar a sentença, tornava-se necessário — mentir!

* * *

«*O jurado* — escreveu Emílio Fagnet — *é como um antigo lutador de circo romano, competentemente equipado com a rede, mas que, desconhecendo lhe o jogo, em vez de se poder servir dela como defesa, se embaraçava e ficava tolhido*».

Por estas e outras coisas, bem piores e mais graves, é que a instituição do Juri findou seus dias. Muito simpático o princípio, mas, nem sempre bons, os efeitos da sua aplicação.

Depois deste «erro» — que me dessassocegou o espírito, a ponto de me trasviar o sono — nunca mais fiei da minha *sabedoria*. Como sensato ignorante no jogo malabarista das leis, quando alguma vez me distribuiam o papel de presidir ao Juri, resolutamente me aproximava dos Magistrados, pondo diante da sua competência esta pergunta:

— Queremos atingir, para o réu, este resultado... Como devemos responder?

E nunca mais descarrilei no delicado papel de membro de Juri.

* * *

Tenho, quanto aos resultados da regeneração dos réus por via da Cadeia, uma opinião que nega não só à Cadeia os seus efeitos punitivos como repressivos. Quer dizer: A Cadeia — tal como é — faz criminosos.

A Cadeia não regenera, antes estraga. Quando, pois, se usa essa terapêutica de castigo para defender a Sociedade; em verdade esta defesa, na quase generalidade dos casos, só prova o seu efeito negativo. E contraprudocente.

A Sociedade que retém na Cadeia os seus delinquentes, de novo os recebe. Recebe-os, mas já em estado de decomposição. E' caso para se dizer: — A Sociedade engole, o que a Cadeia *vomita!*

A. L. de Carvalho.

---

bre o lado esquerdo, sobre o coração. Clotilde soltou um grito surdo, abafado, encarou-o por momentos com os olhos esbugalhados, levou a mão direita ao peito e, ao sentir por entre os dedos um jacto quente de sangue, abriu mais ainda os olhos e caiu desamparada.

Ricardo ao aperceber-se do sucedido fugiu apavorado.

Ao voltar a si, depois de um curto desmaio, Clotilde arrastou-se com um esforço supremo até à secretária, tentando estancar a hemorragia com as mãos, como se necessitasse só de mais alguns momentos de vida. Com um sorriso de satisfação, único talvez que iluminou em toda a sua vida o seu rosto impenetrável e como se desejasse e esperasse aquele acto de justiça para a sua culpa — que ela como irmã mais velha considerava principal — trémula, meio desfalecida já pela perda de sangue que saía em borbotões, em jactos intermitentes, pegou na pena e escreveu a custo:

— Ponho termo à vida... não posso mais... que Deus e meu irmão me perdoem tudo. Adeus!

Ricardo dirigiu-se apressadamente a casa de Brandão e ao encontrá-lo bradou com desespero: Matei minha irmã, sou um assassino! Foi sem querer. Uma força oculta e invencível impeliu o meu braço... não me lembro bem... foi o fim de tudo.

Brandão, aturdido, ficou perplexo e mudo sem atinar o que fazer perante tão insólita confissão. Conhecia o génio irascível de Ricardo, os seus repentinos e imoderados impulsos e, por isso, receou que fosse verdade tudo que afirmava, embora sempre o julgasse incapaz de cometer um crime.

Para se certificar correu imediatamente a casa do amigo. Ao entrar no quarto de Ricardo verificou com seus próprios olhos que infelizmente era verdade. Clotilde jazia estendida no chão, morta, encharcada de sangue! Sobre a secretária algumas manchas de sangue também. A pena pousada numa folha de papel ensanguentado, onde Brandão leu com avidez o que Clotilde escrevera nos últimos momentos da sua vida. Ficou satisfeito, radiante mesmo, pois tinha por Ricardo a maior estima, a maior das amizades e, por isso, respirou profundamente com alívio.

Ao voltar a casa lançou o braço por sobre os ombros de Ricardo e disse com solicitude: Vamos Ricardo, precisas de descanso. Andas muito agitado, muito nervoso. Clotilde escreveu pelo seu próprio punho a sua louca e desesperada resolução. Tua irmã suicidou-se.

— O que é que ela escreveu?! Que foi ela que se suicidou?

— Sim, e até te pede perdão!

— O quê? Isso não é verdade! Fui eu que a matei!

— Não voltes a dizer isso! Estás louco, disse Brandão sinceramente condoido e impressionado.

Ricardo concentrou-se por momentos.

— Sim, foi ela que me provocou; foi ela que me fez descarregar inconscientemente o meu braço vingador. Espiou voluntàriamente a sua culpa. Agora é a minha vez.

Ao dizer isto lembrou-se, com horror, de mais este acto culposo. O seu sentimento de culpa tinha atingido o máximo. Tinha de destruir todo o amor que sentia por Maria Eugénia, custasse o que custasse. Agora mais que nunca, era indigno dela. Com esta inabalável resolução nunca mais saiu de casa.

* * *

D. Clara andava tão entusiasmada com a sua lua de mel, que nem dava pelo sofrimento e definhamento da filha. Era feliz!

Evaristo é que não andava muito satisfeito, porque todos os seus cálculos tinham falhado a respeito de Maria Eugénia. Ricardo não voltara a aparecer. No entanto, para se animar, mantinha esforçadamente a vaga esperança de que tudo se havia de compor. Arrufos de namorados, comentava por vezes!

Maria Eugénia evitava tanto quanto podia a mãe e Evaristo, porque o seu coração começava a albergar sentimentos hostis, ao atribuir-lhes toda a sua infelicidade. Chorava e desesperava-se a maior parte do tempo. Quando podia, lá ia pela tardinha ao por do sol ao local onde fora verdadeiramente feliz e onde parecia pairar ainda, como um palpitar de asa, o fugaz fantasma do seu sonho de amor. Os seus olhos saudosos neblinados por uma cortina de lágrimas, procuravam por todos aqueles sítios as sombras do seu passado. Que mal fizera ela?! Que culpas tinha?! Queria ao menos ver mais uma vez Ricardo, mostrar-lhe bem quanto sofria. Certamente se apiedaria de si. Como encontrá-lo? A' sua volta só via solidão, amargura, silêncio desesperador! Ninguém se lembrava dela. Se ao menos pudesse morrer!

Olhou com tristeza o vale sombrio, a saibreira esburacada, os choupos esqueléticos, disformes, sinistros, espirrando pelos braços nús línguas de fogo dos clarões do poente. O murmúrio da brisa, harpejando triste melopeia nos troncos e ramos despidos, ecoava aos seus ouvidos com o estridor enervante dos seus próprios zumbidos, e um friinho mais sensível daquele anoitecer triste, osculava as suas faces úmidas, quase maceradas por lágrimas permanentes, e dava-lhe a pavorosa sensação de bocas mortas à procura dos seus beijos. Morta de cansaço e de dor, vagueou por longo tempo ao acaso. Por fim, com louco desespero, sufocada por soluços que abafava com esforço, gemeu com pungintiva dor:

— Por que me abandonaste?!

Quis gritar, mas já não pode. Caiu inanimada no chão frio e úmido daquele anoitecer de fim de outono.

Quando deram com ela, já tarde da noite, estava gelada, quase morta, por tantas horas exposta ao relento. A mãe quis chamar imediatamente o médico, mas Evaristo, aligeirando todos os receios por temer grandes despesas, dispôs-se a tratá-la com remédios caseiros. Aquilo era nervoso e depressa passaria.

Maria Eugénia há mais de 15 dias que estava de cama com febre alta, cheia de dores nas articulações e falta de ar. Um dia D. Clara apesar dos protestos de Evaristo chamou o médico. Este ao sair abanou desoladamente a cabeça. Era tarde de mais.

— Então que doença é, perguntou, com alvoroço, D. Clara?

— Uma endocardite maligna reumática.

— E isso não tem remédio? Então a penicilina, perguntou D. Clara com desespero?!

— Sim, pode tentar-se em grandes doses, mas duvido muito do seu resultado.

Evaristo aferrado a estas últimas palavras do médico, não consentiu no tratamento, que além de ser muito caro era incerto.

— Ora, ora, o que é preciso é que Ricardo volte: «As feridas da ternura quem as faz é quem as cura».

Ainda se isto tivesse acontecido depois deles se terem casado, pensou ele. Foi o diabo aquela cena da cozinha.

Um dia D. Clara ao notar que sua filha arfava de cansaço, com o rosto coberto de suor, mal podendo responder às suas contínuas perguntas, saiu a correr, aflita, à procura de Evaristo, julgando que ela ia morrer! Ao encontrá-lo, abraçou-se a ele a soluçar:

— Ai como está mal a minha querida filha... e depois como em segredo a suplicar-lhe todo o seu amparo: A nossa filha!

Continua. *I. V. C.*

O ASILO de Santa Estefânia

Mercê de um conjunto de esforços e de boas vontades da actual Comissão Administrativa e das Irmãs Religiosas, que superintendem na sua orientação, o Asilo de Santa Estefânia de Guimarães vem prosperando, há três anos a esta parte, a olhos vistos.

Fizeram-se obras importantes, àparte outros que se projectam, admitiram-se mais meninas, a ponto de o número de internadas já ultrapassar sessenta e cinco e procurou-se dar àquelas que, em idade de abandonarem a casa, são colocadas em empregos na cidade ou fora dela, aquela assistência que lhes permitirá singrarem na vida, sempre cuidadosamente vigiadas para que se não desviem um ápice sequer do bom caminho.

A Comissão Administrativa está deveras empenhada em levar a bom termo uma obra de vulto e para isso conta com o auxílio dos vimaranenses, aquele auxílio valioso e indispensável que nunca lhe foi negado mas que é necessário que se mantenha e aumente, na proporção que se mantêm e aumentam de dia para dia os pesados encargos que a manutenção daquela bela Casa de Assistência acarreta.

Os benfeitores do Asilo de Santa Estefânia são já bastantes e alguns até bem dedicados à Instituição.

A eles é dedicada a Festa que naquela Casa vai realizar-se e que deve ter início à hora em que hoje começa a circular o nosso jornal.

O Senhor D. Domingos da Silva Gonçalves, antigo e incansável Director das Oficinas de S. José e também grande Amigo e devotado admirador da obra das rapariguinhas pobres do Asilo de Santa Estefânia, celebrará uma missa no templo do Carmo, às 10 horas de hoje, em sufrágio da alma de todos quantos foram subscritores do Asilo e presidirá, seguidamente, à sessão de homenagem aos vivos, no decorrer da qual será descerrado o retrato do benemérito Sr. Bernardino Jordão, o fundador da Empresa do Teatro Jordão, que bem pode considerar-se a maior subscritora do Asilo.

A terminar a homenagem aos snbscritores será feita uma visita às dependências do Asilo, para que todos possam apreciar as obras realizadas e, mais ainda, a exposição de trabalhos das educandas.

E para remate das Festas do Asilo de Santa Estefânia, realizar-se-á amanhã, às 21,30 horas, um sarau recreativo, também dedicado aos subscritores, a quem foram dirigidos convites para assistirem.

DR. EGÍDIO SANTOS
(Gastroenterologista)

Mudou o consultório para a **Rua de Sá da Bandeira, 260-1.º** telefone 24499 — PORTO.

NO MEU CANTINHO

Há largas semanas que me sinto caldote.

E a pobre pena ressente-se bem do meu estado. E' natural.

No Maio florido referi-me ao **Calendário**, de Helena Lousada, com o fundo entusiasmo que o precioso volume me inspirou.

O prestável Manuel já não se lembra?

* * *

Não adivinhava eu que, volvido apenas meio ano, a eminente Poetisa arrancaria das suas gavetinhas um segundo volume que a mesma «Imprensa Portuguesa» atiraria aó Público com o sugestivo nome de **Dizeres das Coisas Caladas.**

A Prosadora e a Poetisa ergueram-se ainda mais alto.

E nem eu sei onde há mais elevação: se na Prosa fulgurante, se no Verso sublimado.

Mas o Pessimismo palpitante faz perder a serenidade e doçura que perfumavam altamente o *Calendário.*

E tenho muita pena que assim seja.

O Manuel já recebeu?

* * *

Tenho lido diversas vezes comentários a denunciar os inconvenientes dos Bailes de Caridade.

Mas a nota mais convincente sobre o caso é a que *A Defesa* de 22 publicou com a apropriada epígrafe *A caridade bailarina.*

Quantas vezes a li eu?

Três? Quatro?

O pequeno Diário eborense traz-me assim de quando em quando uns pratinhos de meio deliciosos.

Que riqueza de *Nota Diária!*

G.

A CARROÇA DO CORREIO

Participa-nos o Sr. Julião Carneiro da Silva, digno Chefe da Estação dos CTT de Guimarães, que a 2.ª praça para a arrematação da condução de malas em tracção mecânica, entre aquela Estação e a do Caminho de Ferro, se realiza no dia 11 do mês de Janeiro e não no dia 8 como por lapso constava do anúncio que foi tornado público.

BRASIL A mestre de solas, mestre de vernizes, técnico de tecidos, teares, etc., competentes, que pretendam emigrar para o Brasil, prestam se esclarecimentos para colocação vantajosa em fábrica importante.

Informa: — A. Silva — Rua Cândido dos Reis, 38 VILA REAL. 1087

CONTRASTES!...

Ganância e deshumanidade

De um Diário de Lisboa, transcrevemos a seguinte notícia:

«Um senhorio destelhou a casa do inquilino e tirou as janelas para o forçar a sair

A ganância desenfreada e o espírito ostensivo de propriedade de certos senhorios não se detem diante de nenhuma consideração moral e chega a manifestar-se com requintes de verdadeiros salteadores do lar alheio. Servem-se de todas as artes e manhas para fazer valer as suas descaradas exigências e imposições, e depois dormem no conforto da sua abastança o sono dos justos... E' flagrante o caso de um desses tipos de senhores proprietários urbanos, o que vamos relatar.

A senhora D. Virgínia Lima Neves Mata de Oliveira é viúva e vive com seis filhos e um netinho de 4 anos, num rés-do-chão, n.º 56, da rua do Possolo, há seis anos, em situação absolutamente legal com os senhorios, António Alves Mendes e Bernardino Ferreira, donos do prédio, que, se têm servido de todos os meios para criar dificuldades àquela senhora que vive honestamente do seu trabalho como empregada da Imprensa Nacional, tentando forçá-la a abandonar a casa.

Pois, últimamente, sem mais aquelas, os «beneméritos» cidadãos resolveram arbitràriamente destelhar a casa e tirar as janelas do 1.º andar, ficando assim o prédio à mercê das chuvas que, penetrando no rés-do-chão, tornam impossível a sua habitalidade.

A vítima, como é natural, queixou-se na Câmara, que, confirmando os factos, atendeu justamente a reclamação e intimou os senhorios a repor o telhado e as janelas. Mas é que eles entenderam por bem rebelar-se contra a determinação camarária, e a pobre senhora e família continuam sob as intempéries até que as autoridades metam os sujeitos em questão na ordem.

E estamos certos que essa «ordem» não tardará para sossego e comodidade daquele lar, sofrendo dolorosa emergência por uma arbitrariedade sem nome.»

Como se vê, as feras humanas não desistem de transformar a sociedade num lamaçal de ignomínia e de atitudes anti-humanitárias e anti-cristãs, criando situações de verdadeira angústia e de crescente desespero perante as dificuldades que, na luta pela vida, têm de vencer todas as pessoas que sentem e sofrem as suas consequências.

Felizmente, a Justiça não as deixará consumar a arrogância dos seus instintos selvagens e desvairados e oxalá que assim seja para bem da humanidade ignorada e vítima de tão repugnantes atentados contra o direito de viver uma vida menos desigual e, portanto, mais afastada da miséria que campeia por toda a parte, agravada com factores da natureza deste e contrários à civilização e ao patriotismo!

Ainda as «Nicolinas»

Acusaram-nos de menos justos para com a rapaziada académica do Liceu desta cidade, no tocante às nossas últimas considerações sobre a forma como decorreram as Festas Nicolinas no ano corrente.

Sem qualquer rectificação ao que dissemos, apenas podemos acrescentar que a culpa desse fracasso também pertenceu a quem negou aos académicos a necessária colaboração para poderem manter, dignamente, essa tradição. Mal recebidos por certas pessoas, às quais se dirigiram no sentido de conseguirem receita para a despesa, limitaram-se a satisfazer a preocupação de não recair sobre eles a morte das «Nicolinas». Porém, melhor teria sido que lhes tivessem anunciado o funeral e revelado a doença que o ocasionou.

No entanto, a atenuante em referência deverá ser tomada em consideração para efeitos de julgamento...

X.

BOAS-FESTAS

Tiveram a gentileza de nos apresentarem por telegramas, cartões e pessoalmente, cumprimentos e desejos de Boas-Festas, o que deveras nos penhora, as seguintes individualidades às quais, com os nossos melhores agradecimentos, retribuímos os sinceros votos de muitas prosperidades no Ano Novo:

D. Domingos da Silva Gonçalves, Venerando Bispo da Guarda; D. Gabriel de Sousa, Dom Abade do Mosteiro de Singeverga; P.e Dr. Francisco de Melo, de S. Pedro da Raimonda; P.e Dr. António Alves das Neves, de S. Pedro da Cova; P.e Alexandrino Brochado, do Paço Episcopal do Porto; P.e Comendador Augusto Borges de Sá, P.e Luís Gonzaga da Fonseca, P.e António Alberto Ribeiro, P.e Manuel António Luís, de Prazins; P.e João de Oliveira, de S. Romão de Mesão Frio; P.e Joaquim de Almeida Ferreira da Silva, Reitor de Serzedelo; P.e Avelino Pinheiro Borda, P.e José Carlos Simões de Almeida, Director do Internato Municipal; P.e José Ferreira Leite, P.e José Carlos Alves Vieira, de Vieira do Minho; Dr. João Rocha dos Santos, Comendador Alberto Pimenta Machado, José Torcato Ribeiro Júnior, António José Pereira de Lima, António Emílio da Costa Ribeiro, António José Pereira Rodrigues, Joaquim da Silva Xavier, Cap. Jose Maria de Magalhães Couto, Amadeu C. Penafort, Manuel da Costa Pedrosa, Coronel Mário Cardoso, Dr. Mariano Felgueiras, Prof. Mário de Sousa Menesea, Gaspar Ferreira Paúl, Aurélio de Barros Martins, Francisco de Assis Pereira Mendes, Alferes Virgílio Leite da Cunha, Dr. Francisco Moreira Sampaio, Dr. José Pinto Rodrigues, Luís Filipe Coelho, José Maria Félix Pereira, Dr. Aventino Lopes Leite Faria, Antero H. da Silva, Manuel António de Castro, João Xavier de Carvalho, Francisco Alvaro Martins de Campos, Tenente Alvaro Martins de Campos, Francisco Ferreira Oliveira, Albano de Sousa Guise e João Pedro de Sousa Guise, do Rio de Janeiro; Gaspar Lopes Martins, de Santos; Manuel Sampaio Leite Basto, de Maceió: Alberto da Silva Caldas, de S. Paulo; Cástor Prieto Rodriguez, Comissário Chefe do C. G. de Polícia de Santiago (Espanha); Cap. Marcelino Romero Rodriguez, de Santiago e D. Angel de La Cruz Madrigal, Director da Banda Regimental de Inf. 12 de Santiago (Espanha); D. Apolinar Portela Gonzalez, de Vigo; Comissão Central Administrativa da Liga dos Combatentes da Grande Guerra e Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho, de Lisboa; Soc. de Emprreendimentos Mecânicos, Granjo & C.ª Lda., do Porto; Comp.ª Holandesa de Aviação, Conselheiro Dr. Raúl Alves da Cunha, João Teixeira de Aguiar, Tenente José da Mota Freitas, de Vila Real; Comandante João de Paiva F. Leite Brandão, da Foz do Douro; Dr. Maximiano Pinto de Simaens, de Leça; Desembargador Dr. António Carneiro, Professor Abel Cardoso, Dr. Nuno Simões, Heitor Bastos Cordeiro, Dr. Américo Durão, Aníbal José Veloso, de Lisboa; D. Aurora Jardim, D. Ludovina Frias de Matos, D. Isaura Correia dos Santos e D. Maria José Ribeiro Vilas Soares, nossas ilustres Colaboradoras do Porto; Joaquim Ferreira Torres, idem, Armindo Peixoto, António José Ribeiro, do Porto; Dr. Manuel José Ferreira da Costa, de Coimbra; Manuel José da Costa Guimarães, de Aveiro; Augusto Sampaio Mendes da Cunha, de Alcácer do Sal; Albano M. Coelho de Lima e Adriano de Castro, do Pevidém; António Augusto Ferreira, de Felgar; Prof. Martins Lima e Francisco de Assis P. Dantas, de S. Torcato; Comendador Artur Cupertino de Miranda, Dr. João António Soares, Alberto Caetano de Almeida, Leão Martins e António Costa, do Porto; José Simões, do Funchal; Manuel Salgado Gonçalves, de Santo Tirso; Lito-Coimbra, de Coimbra; Oscar Avelino Pires, Carlos Alberto Cardoso, José Maria S. Coutinho, António J. Pinheiro Júnior, Torcato Mendes Simões, Casimiro Soares, Domingos Cosme Baptista Vieira, Francisco Correia, Chefe da P. S. P.; Foto Beleza, António Vaz da Costa, Filhos, Lda., Alberto José Passos de Oliveira, Domingos Ferra, Sociedade de Oleos Industriais, Lda., Rotary Club de Guimarães, Sub-Agência da Liga dos Combatentes da Grande Guerra Direcção da Casa dos Pobres, Domingos Francisco da Silva (Silva 5), Foto-Cine, Direcção da Sociedade Protectora dos Animais, Direcção do Sindicato Nacional dos Caixeiros, Idem do Sind. N dos Operários da Indústria de Panificação, Idem do Sind. N. dos Operários de Metalurgia, Idem do S. N. dos Operários da I. de Cortumes, António José Pereira de Lima, António Pimenta, Dr. Augusto Ferreira da Cunha, Presidente da Câmara Municipal; Poeta Delfim de Guimarães, nosso ilustre Colaborador; Dr. António Baptista Leite de Faria, Francisco Vilarinho e Pedro Pereira de Freitas, de Lisboa, Dr. Manuel Jesus de Sousa, António Alves Regueiros, de Santo Tirso, etc.

A VOZ DAS FREGUESIAS

SILVARES

A freguesia que mais progrediu ùltimamente

Já tivemos ocasião de dizer que no decurso da nossa peregrinação através das freguesias do concelho, vendo necessidades e ouvindo queixumes, encontramos coisas e indivíduos de todos os paladares.

Aos poucos, temos dado a público a feição característica dos problemas e o sentir ou o agir das pessoas com mais ou menos responsabilidades para os resolver.

Mas não tinhamos deparado ainda com caso idêntico ao que se verifica na freguesia que hoje focamos, traduzido na existência de uma Junta de Paróquia que é um modelo raro de dedicação, de voluntariedade e de substanciosa actividade.

Efectivamente, não é vulgar deparar-se com uma Junta de Freguesia, cujos componentes contribuiram com dezenas de contos e com outras dádivas importantes para os melhoramentos da sua paróquia, além da persistente cooperação do presidente, que consegue ainda aliar a si outros auxílios, alguns de particular valia.

Pois foi isto que encontramos e existe, felizmente, em Silvares, a freguesia que se transformou, modernizando-se, enquanto o sol descreveu pouco mais que um arco em volta da terra.

O que está feito

Santa Maria de Silvares, que foi Vigararia do Cabido de Guimarães, é hoje uma freguesia com cerca de 1.000 pessoas e 220 fogos.

Os assuntos religiosos estão ao cuidado do Sr. P.e José de Oliveira Guimarães, que é o dedicado pároco da freguesia e a Junta de Freguesia é composta pelos Srs. João José Ribeiro de Abreu, José Fernandes e Fernando de Sena Fernandes Cardoso, respectivamente presidente, secretário e tesoureiro.

Tem sido dispendida uma actividade enorme para que a freguesia saísse do marasmo em que estava.

O seu activo presidente deixou os seus interesses particulares e produtivos e lançou-se irresistìvelmente na luta pelo progresso da sua freguesia.

Abriu os seus cofres e dispendeu contos às dezenas. Deu terrenos e atraiu dádivas iguais do seu colega da Junta, titular da tesouraria. Chamou ao mesmo campo o seu amigo Sr. Abílio Mendes, da Casa de Lorvão, que também contribuiu com 50 contos e deu a água precisa para a Igreja, agregou ainda outras boas vontades e dádivas, recebendo entre outros, os donativos dos Srs. Guilherme Lickfold e Egídio Pereira Salgado. E dentro de pouco tempo, já dispunha de centenas de contos!

Logo se iniciaram os melhoramentos, graças não só ao numerário reunido, como ao bom acolhimento que a Câmara deu às inicativas dessa gente bairriste, que pela sua generosidade e pelo dinamismo do presidente da sua Junta bem mereceu as benesses e a captivante ajuda do Município.

E dentro de pouco tempo as obras tomaram vulto e são já realidades que se impõem.

Ora vejamos num relance:

A NOVA IGREJA está meio construida. Mas a parte já pronta e aberta ao culto, é duas vezes mais ampla que o templo demolido.

Gastaram-se cerca de oitocentos contos, tudo por iniciativa particular. Para conclusão da obra falta quase outro tanto, o que significa haver ainda muito que trabalhar, mesmo que o Estado dê um bom subsídio, como se espera. Mas já está pronta a residência paroquial, que é uma obra admirável.

O CEMITERIO é de construção relativamente recente, mas apesar disso passou por recente arranjo.

No que respeita a ESCOLAS está Silvares bem servida, pois tem actividade em dois salões num edifício próprio, provido de recreio e água.

Sobre CAMINHOS também tudo está em ordem. A freguesia está bem servida, graças à cuidadosa actividade da Junta, podendo ser percorrida de automóvel em qualquer sentido.

AGUA — Há pouco tempo ainda, estava Silvares sem água boa, em boas fontes.

Mas, recentemente, este problema foi atacado com eficiência, e embora não esteja de todo resolvido, já foram instalados 2 fontenários, um deles com lavadouro, melhoramentos que foram muito apreciados.

Verifica-se a conveniência de mais duas unidades em outros tantos lugares, mas a Junta a seu tempo lhe dará realização.

A freguesia está servida com LUZ ELECTRICA, benefício recente.

Foi este o melhoramento que mais alegremente acolheu, pelo que não tem limites a gratidão à edilidade vimaranense pela concessão de tão útil como engrandecedor elemento de progresso.

E' regular a entrega do CORREIO e para que as coisas essenciais estivessem todas presentes na freguesia, falta sòmente o telefone público, pormenor que está ausente talvez porque... não depende só da Junta ou do seu Presidente!

Bairrismo modelo

Foi enorme o esforço dispendido pelo bom povo de Silvares, para que tão importantes melhoramentos entrassem na órbita das realidades, para que a freguesia se elevasse ao seu verdadeiro valor, mantendo-se num nível progressivo que honra os seus naturais e todos quantos contribuiram para o seu evoluir.

Num âmbito onde não há indústria e só a lavoura predomina, essas realizações ainda mais se mostram credoras de elogio e provam o quanto pode e vale a vontade do povo quando o sentido bairrista não é coisa vã.

Em pouco mais de um ano, conseguiu modificar-se completamente o aspecto de Silvares. O que era em Março do ano passado uma freguesia pràticamente caótica, apresenta-se agora um povoado ridente, em franco progresso, onde se encontra quase tudo que a vida moderna reclama.

Muita gente contribuiu para esta evolução. Desde o mais humilde ao mais rico, do jornaleiro ao proprietário, quase todos os silvararenses — naturais ou adoptivos, deram o seu contributo.

E dizemos quase, porque houve alguns, infelizmente, mesmo proprietários com enormes recursos, que se alhearam ao movimento progressivo da freguesia, cerrando as suas bolsas, gozando os benefícios sem contribuirem para eles.

Mas como os actos ficam sempre com quem os pratica, a Junta lá continua na sua linha de conduta, sempre a trabalhar, sempre a dispender numerário, tendo à sua frente o paladino da luta, pioneiro da evolução, o seu dinâmico presidente.

Com tal acção e com homens assim, não admira o que está feito nem causará espanto que o muito que falta fazer se conclua de um momento para outro.

Oxalá que as entidades competentes e em especial a edilidade concelhia continuem a dispensar o seu melhor acolhimento a essa gente tão obreira como generosa, correspondendo com o seu auxílio para que a sua actividade modelo atinja o auge, prestigiando-se e engrandecendo o Concelho.

KinG.

Explicações

Pessoa devidamente habilitada lecciona a rapazes e meninas para:

Curso Comercial; 1.º Ciclo do Liceu; Exame de admissão ao Curso Comercial e Liceu; 1.º e 2.º graus da Instrução Primária; Concurso para os Correios.

Pedir informações das 8 às 10 horas e das 18 às 20 horas, na Praça de S. Tiago, 28 — Guimarães. 1065

Prédios VENDEM-SE na Rua Gil Vicente, n.os 59 a 65 e 67 a 77. Recebe propostas, José Mendes Guimarães, Rua de Santa Maria, 65 — GUIMARÃES. 1093

Vende-se Espingarda Belga, calibre 24, em óptimo estado. Para ver na Casa Umberto Pinheiro — Guimarães. 1100

EXPLICAÇÕES

— Instrução primária
— 1.º ano do Liceu
— Curso de Comércio

Dão-se informações nesta Redacção.

Siga o nosso conselho

Para comprar Calçado de Cabedal e de Agasalho para Homem, Senhora e Criança, o maior sortido e o mais económico, só na CAMISARIA MARTINS a CASA DAS MEIAS. 1084

TRANSFORMADOR

Vende-se em estado de novo, marca «Aseia», de 25 kws., para corrente de 220 volts., por motivo de aumento de indústria. 1056

Informa-se nesta redacção.

ALFINETE

Perdeu-se um, de gravata, em ouro com brilhante. Gratifica-se quem o achou. 1103

da cidade

Boletim Elegante

Aniversários natalícios

Fizeram e fazem anos:

No dia 21 de Dezembro o nosso querido amigo e ilustrado pároco de S. Pedro da Cova (Gondomar) Rev. Dr. António Alves das Neves; no dia 3 de Janeiro o nosso bom amigo e conterrâneo sr. Edgar de Castro Guise e as meninas Laura Torcato e Maria Torcato; no dia 5 o nosso bom amigo sr. Manuel Teixeira de Freitas; no dia 6 os nossos prezados amigos srs.: Luís Correia de Sousa Areias, conceituado industrial; Agostinho Dias de Castro, António Abreu e Alvaro Neves de Castro e a sr.ª D. Emília da Costa Barroso; no dia 7 o nosso prezado amigo e ilustrado Pároco de S. Paio Rev. Luís Gonzaga da Fonseca e a sr.ª D. Felícia de Castro Gomes da Cunha Machado, esposa do nosso bom amigo sr. Manuel Joaquim da Cunha Machado; no dia 8 os nossos prezados amigos srs.: Dr. João António de Almeida, ilustre clínico e Flávio Faria, de Vizela e a sr.ª D. Leocádia Martins Ribeiro, de Balazar, Braga; no dia 9 as sr.as D. Dulce Andrade da Silva Carvalho e D. Maria da Conceição T. Aguiar Freitas.

Notícias de Guimarães *apresenta-lhes os melhores cumprimentos de felicitações.*

Partidas e chegadas

Tem estado em Guimarães o nosso querido amigo e ilustre Colaborador sr. P.e Domingos José da Costa Araújo.

— Deu-nos o prazer da sua visita o nosso bom amigo sr. Carlos Alves Teixeira, de Murtosa.

— Tem estado entre nós o nosso prezado conterrâneo e amigo sr. P.e Alexandre Ferreira de Melo.

— Esteve nesta cidade o nossso conterrâneo e amigo sr. Domingos Martins Guimarães.

— Tem estado em Fão o nosso prezado amigo e distinto sacerdote Rev. Avelino Pinheiro Borda.

— Com sua esposa tem estado nesta cidade o distinto Magistrado da Comarca de Pinhel sr. Dr. Alberto Pita da Costa.

— Com sua esposa também esteve nesta cidade a passar as festas do Natal o nosso prezado amigo sr. Francisco Ismael dos Santos, de Ambulância do Tua-Pereira.

— Esteve em Guimarães, com seu marido a nossa ilustre Colaboradora Senhora D. Maria José Ribeiro Vilas Soares (Zita de Portugal).

— De visita ao seu e nosso bom amigo sr. Dr. Jorge da Costa Antunes esteve nesta cidade o sr. Dr. Manuel da Fonseca, Secretário particular do Sr. Dr. Oliveira Salazar, Presidente do Concelho.

— Passou uns dias nesta cidade, sendo hóspede do nosso prezado Colaborador e distinto poeta sr. Jerónimo de Almeida, o conhecido escritor da Figueira do Foz, sr. Carlos Sombrio.

— Esteve nesta cidade o nosso prezado conterrâneo e amigo sr. Lino Teixeira de Carvalho.

— Também nos deram o prazer da sua visita os nossos bons amigos srs. Dr. Serafim Ferreira de Oliveira, residente em Lisboa e António Maria Baldaque Lobo, residente no Porto.

— Vimos em Guimarães o nosso bom amigo Sr. Dr. Armando J. Crespo Guimarães.

— Com sua esposa encontra-se nesta cidade o nosso prezado amigo sr. Eduardo Pizarro de Almeida.

Doentes

Tem estado doente o nosso prezado amigo sr. João Garcia de Almeida Guimarães.

— Esteve bastante incomodado, mas já se encontra em vias de restabelecimento, o nosso prezado amigo sr. Amadeu da Costa Carvalho.

— Tem passado incomodado o nosso prezado amigo sr. Simão Costa.

— Também tem passado doente o nosso querido amigo sr. Francisco Raimundo de Sousa Guise.

Desejamos a todos os doentes as mais rápidas melhoras.

FALECIMENTOS e SUFRÁGIOS

Miguel Luís de Almeida

Conforme foi já dito pela imprensa diária, foi vítima de trágico desastre na Fábrica de Tecidos Vizelense, onde prestava serviço há 14 anos e na actualidade como empregado superior o nosso querido amigo Sr. Miguel Luís de Almeida, de 39 anos, casado com a Sr.ª D. Joaquina de Freitas Almeida, pai dos meninos Manuel, José, Joaquim, Maria Helena e Maria Angelina, filho da Sr.ª D. Beatriz da Costa e Silva Almeida, irmão do Sr. José Luís de Almeida, cunhado da Sr.ª D. Fernanda Pinto César de Almeida, funcionária dos C. T. T. em Caldas de Vizela.

O saudoso finado teve no seu funeral a demonstração da estima dos Vizelenses, os quais em número nunca visto nesta vila, lhe prestaram a última homenagem acompanhando o seu corpo ao cemitério de S. Miguel das Caldas, onde ficou depositado em jazigo de família.

No funeral que, como acima dissemos foi dos maiores se não o maior, até hoje realizado em Vizela onde tomaram parte várias Confrarias, Bombeiros, Direcção do Futebol Club de Vizela, Amiguinhos de S. Bento, Comando da L. P., em Vizela, todos os Médicos e Industriais da vila, Sindicato Textil de Guimarães, etc., etc..

A família, na impossibilidade de agradecer individualmente, tal o número de assistentes, agradecece por intermédio do *Notícias de Guimarães* e a todos do coração manda o seu obrigado.

A' família a expressão do nosso maior pesar — *A. C.*

Notícias de Guimarães acompanha neste grande desgosto toda a família dorida e dum modo especial o nosso amigo e solícito correspondente em Vizela, Sr. José Luís de Almeida.

Camilo Meneses Areias

Confortado com todos os Sacramentos e após cruciantes sofrimentos, finou-se: com 74 anos de idade, na sua residência, à Rua Gravador Molarinho, o abastado proprietário Sr. Camilo Meneses Areias, casado com a senhora D. Maria de Belém Almeida Ferreira Areias, pai das senhoras D. Maria Augusta, D. Maria Alice, D. Maria Luísa, D. Maria da Conceição, D. Maria Filomena e D. Maria Elisa e dos Srs. João António e Plácido António Meneses Areias; irmão das senhoras D. Elvira Izilda Meneses Areias e D. Carlota Isaura Meneses Areias Ribeiro; cunhado do nosso prezado amigo Sr. António Augusto de Almeida Ferreira e tio do Sr. Oscar Meneses Areias e das senhoras D. Maria Helena e D. Maria Antonieta Freitas Ribeiro Almeida Ferreira.

O funeral do saudoso extinto efectuou se na quinta-feira de manhã, da residência acima para o Cemitério de Atouguia, em cuja capela foi resada a missa do corpo presente e os ofícios de sepultura, perante uma assistência numerosa de pessoas das relações da família dorida e bem assim das Casas de Caridade.

No préstito fúnebre incorporaram-se bastantes carros que conduziam muitas pessoas de família e outras das suas relações.

A toda a família dorida apresentamos sentidos pesames.

D. Emília Pereira Duarte

No dia 27 e na sua residência em S. Miguel de Creixomil, faleceu com 54 anos de idade esta bondosa Sr.ª, esposa do também industrial e nosso bom amigo Sr. António Fernandes.

O seu funeral que se realizou no dia 29 para o Cemitério de Atouguia foi muito concorrido.

Os nossos pêsamos à família dorida.

* * *

Faleceram, nesta cidade, a senhora D. Maria Rosa de Magalhães, de 91 anos de idade, mãe das senhoras D. Rosa, D. Emília e D. Maria Cândida e dos Srs. António, Sebastião e Eduardo de Magalhães e avó dos senhores Manuel Fernandes de Freitas e Domingos Miranda, tendo-se efectuado o seu funeral na terça-feira, com numeroso acompanhamento, da V. O. T. de S. Domingos para o Cemitério de Atouguia; na sua residência, à Rua de Francisco Agra, repentinamente, o Sr. Adolfo de Oliveira Guimarães, industrial de metalurgia e antigo Bombeiro.

Farmácias de Serviço

Hoje, 1.º de Janeiro e amanhã domingo, estará de serviço permanente a Farmácia Pereira, ao Largo Prior do Crato.

Vitória Sport Clube

Assembleia Geral Ordinária

Nos termos do artigo 16.º dos Estatutos, convoco a Assembleia Geral Ordinária dos sócios para as 21 horas do dia 10 de Janeiro de 1949, na Sede do Clube, com a seguinte ordem dos trabalhos:

a) Meia hora para tratar de quaisquer assuntos, conforme o disposto no § 2.º do artigo 18.º;

b) Apreciar e votar uma proposta da Direcção de alteração ao n.º 1.º do artigo 5.º dos Estatutos;

c) Discussão e votação do relatório e contas de 1948;

d) Eleição dos corpos gerentes para 1949.

Se à hora marcada não comparecer número legal de sócios, a Assembleia funcionará uma hora depois, com qualquer número, nos termos do artigo 18.º dos Estatutos.

Guimarães, 30 de Dezembro de 1948. 1106

O Presidente da Assembleia Geral,
a) *Aprígio Neves de Castro.*

CAIXA SINDICAL DE PREVIDÊNCIA DOS TIPÓGRAFOS, LITÓGRAFOS E OFÍCIOS CORRELATIVOS

AVISO

Pelo presente se leva ao conhecimento de todos os beneficiários que foi alargado o âmbito do Posto N.º 52 (Vizela), da Federação de Caixas de Previdência — Serviços-Médico-Sociais — passando a abranger também as freguesias de Moreira de Cónegos e Infias, Concelho de Guimarães, para consultas e tratamentos aos beneficiários desta Caixa Sindical, e pessoas de sua família, pelas quais os beneficiários estejam recebendo abono, além da esposa legítima.

A partir desta data deixam de ter validade as instruções anteriores, não podendo, portanto, os beneficiários consultar outros médicos, devendo todos dirigirem-se ao posto referido desde que tenham residência situada nas freguesias e localidades já aludidas.

O horário das consultas no Posto, e das especialidades médicas, será indicado no próprio Posto.

Todos os beneficiários, presentemente, em tratamento na clínica particular, devem suspendê-lo e apresentarem-se no Posto clínico para efeito de usufruirem da assistência concedida pela Caixa.

Lisboa, 29 de Dezembro de 1948. 1107

A Direcção.

PENSÃO DO NORTE

Lídia da Silva Campos & C.ª, Ld.ª
Rua Fernandes Tomaz, 579 — PORTO

Cumprimentam todos os seus clientes, desejando-lhes Festas-Felizes e um próspero Ano Novo.

Manufactura de Malhas de Lã

Ermelinda da Conceição Rodrigues Machado, societária do ATELIER DE MALHAS «**RAFE**», à Rua de Gil Vicente, 59, participa que passou a explorar, individualmente, essa indústria, na Rua Trindade Coelho, 14, onde terá o prazer de servir os seus estimados Clientes com honestidade e bom gosto.

Ermelinda da Conceição Rodrigues Machado.

20 ANOS

ESPECIALIZADOS NA ESCOLHA E VENDA DOS MELHORES LUBRIFICANTES, GARANTEM AS BOAS QUALIDADES DO

ÓLEO ALLIANCE

TÃO BOM COMO OS MELHORES

produzido por um dos maiores fornecedores do Exército e da Marinha norte-americanos.

Distribuidores gerais:

Sociedade de Lubrificantes e Importação Geral (SORAL), Ltd.
Importadores de óleos de lubrificação há mais de 20 anos

PORTO	LISBOA
Rua Passos Manuel, 207	Rua de Santa Marta, 27-K
Telef. 2 1999	Telef. 4 7496

Agente no Concelho de Guimarães:

A. BOURBON DO AMARAL

Largo 28 de Maio — Guimarães

Agentes Transitários e Camionistas

Encarregam-se do desembaraço de mercadorias, por Exportação e Importação. Sua Recolha ou entrega no Domicílio.

JOSÉ DE MELLO & C.ª

Casa fundada em 1828

ESCRITÓRIOS: **Rua Nova da Alfândega n.º 87 — PORTO**
com **Armazens de Retem e Depósitos**
(Area coberta: 8.000 metros quadrados)

EM MATOSINHOS:
R. de Brito Capelo n.º 912 e R. de Roberto Ivens n.º 903

Telefones: 21078 e 21074 — Mat. 647 — Est. 57

Perdeu-se um brinco com pedras finas. Gratifica-se a quem o entregar na Rua de Santo António, 87. 1101

Mestre de tecelagem

Em debuxo e afinação ainda empregado. Oferece-se. Resposta a esta Redacção. 1079

Escritório no Largo do Toural

PASSA-SE, informa Alfredo Leite, Rua da Caldeiroa, 70 — Guimarães.

Siga o nosso conselho

Para comprar Gabardines, Sobretudos, Zambrenes e Trincheiras, prefira a marca *Eagle*. Cores garantidas. Corte elegante.

Na CAMISARIA MARTINS a CASA DAS MEIAS. 14

Bancas para ramadas

DE FERRO USADAS, de qualquer medida, vende Ernesto Ribeiro dos Santos, electricista, de Varzuela — — FELGUEIRAS —

As tradições do Natal

De todas as festas da liturgia é a do Natal a de maior significado, do mais lídimo simbolismo.

Muitas velhas usanças do nosso Povo, costumes antigos, trovas populares, enfim, tem-se sumido na curva dos anos. Fazendo parte integrante do património histórico da raça, sendo como um legado espiritual onde abundam a pureza, a sentimentalidade, a ingénua candura dos portugueses de antanho, a retratação da nossa idiossincrasia *amorosa, contemplativa, sonhadora, com a inesgotável tradição religiosa e o maravilhoso dos milagres* (como no lo afirma Sampaio Bruno), todas essas costumeiras deveriam conservar-se intactas, inalteráveis na sua expressão, na sua forma primitiva.

Mas, tudo muda, talvez porque se capacitem, erròneamente, que todas essas usanças cheiram a mofo, tresandam a velharia, são arcaicas, demasiado obsoletas.

O próprio Povo receia que elas falhem, redundem numa gargalhada...

Nos meus tempos de menino e moço, na poética região da Ribeira Lima, quão diferentes eram os cantares e as folias das esfolhadas!...

Vozes argênteas, cristalinas, cheias de fagueira alegria e de brejeira mocidade!

Agora, ainda se ouvem — em desgarrada musical sem expressão — umas trovazinhas que nem merecem ligeiro apontamento.

Mas voltemos às tradições do Natal. Estas têm-se conservado mais ou menos intactas.

Tudo gira, tudo gravita à volta do presépio que mãos de fada compuseram, dando-nos uma ideia do sublime quadro bíblico da Natividade. Musgo, heras, flores campestres, urze — uma gruta, um estábulo com as figuras simbólicas da Virgem Mãe e de S. José, não faltando sequer os bois e as vaquinhas como que a insuflarem a morna quentura do seu bafo por entre umas palhinhas loiras...

As novenas que precedem às cerimónias litúrgicas da Natividade, as *feiras do mel*, o arranjo e confecção do presépio para que fique como a gruta de Belém, o crepitar do fogo na lareira, na noite da *Consoada*, o cheiro a pinhas mansas, a *mexidos*, aletria..., a *Missa do galo*, os autos, as *Reisadas*, pastoradas e *Janeiras*, eis como o nosso Povo festeja o Natal.

Ainda me recordo das *Missas do galo*, dos meus tempos de rapaz, numa típica aldeia de Viana.

Acabara-se a *Consoada*, ou antes suspendera-se, por momentos... A noite era gélida.

Lá iam todos com lampiões, grisetas, lanternas ou um molho de palha bem *amainada*, bem justa. Cantavam, tocavam, ouvindo-se violas, cavaquinhos e harmónios:

...«Caminhavam p'ra Belém
O S. José e Maria.
Tanto andavam pela noite,
Como andavam pelo dia...»

Muitos iam comungar — a *comunhão geral da Família de Cristo*.

O padre, solene, pausadamente, anuncia: «Gloria in excelsis Deo et in terra pax hominibus bonae voluntatis!...»

Ouve-se então o festivo bimbalhar dos sinos, o barulho estridente dos morteiros; caiem do céu miríades de mil cores, fantasmagórico caleidoscópio — é o *fogo de vistas* dos Magos da pirotécnia vianense.

Nascera o Deus Menino!

Gratas e saudosas recordações a desses Natais que passei junto da Família querida, de minha Santa Mãe, de meu saudoso Pai, não à luz duma lâmpada eléctrica, mas duma candeia bruxuleante, enquanto eu, nas tarquinices, jogava o *rapa* a pinhões!...

Natal!... Natal!...

S. Torcato, 21-12-948.

Prof. Joaquim Martins Lima.

O Natal dos nossos Pobres

Continuamos a fazer a publicação dos donativos que nos foram entregues por leitores e amigos do nosso jornal, para os seus pobrezinhos, pelos quais fizemos a distribuição na altura do Natal e por forma a que oportunamente aqui será mencionada.

Em nome daqueles a quem contemplamos pela generosidade dos dedicados subscritores, aqui deixamos a estes bem expresso o melhor reconhecimento.

Transporte . . .	13.032$00
D. Emília Augusta da Silva A. Queirós — Braga	10$00
Dr. Aventino Leite de Faria	20$00
Jerónimo Teixeira de Carvalho	20$00
Joaquim da Silva Soares	10$00
José Ferreira de Oliveira	20$00
Francisco Ferreira de Oliveira	20$00
Pedro Pereira de Freitas — Lisboa	20$00
Domingos Duarte e Esposa por alma de seu filho	50$00
José de Freitas Lima — Mascotelos	30$00
António Silva	40$00
Manuel Lemos Pinheiro — Pevidém	50$00
J. M. C.	50$00
Dr. Francisco de Melo — Raimonda	50$00
Eduardo A. Reis Guimarães — Porto	50$00
Gaspar Lopes Martins — Santos	500$00
Amaro Lopes Martins — Santos	500$00
Arlindo Vítor da Silva Moreira — Castelões	50$00
V. A.	20$00
D. Beatriz da Silva Lima	10$00
Dr. Alberto Rodrigues Milhão	20$00
E. T. L.	20$00
Agnelo Pereira de Freitas Pires e Esposa	20$00
Manuel Ramos — S. Torcato	45$00
Casimiro Gonçalves Ribeiro	20$00
Manuel Joaquim Pereira de Carvalho	20$00
D. Arminda Sampaio Cardoso de Meneses	20$00
José Laranjeiro dos Reis	50$00
A. G.	20$00
Joaquim da Silva Torres — Lisboa	20$00
Leão Martins — Porto	10$00
António José de Oliveira, Filhos	100$00
Anónimo	40$00
Américo Pinto Salvador — Porto	20$00
Francisco Alberto Costa — Porto	50$00
António Augusto Ferreira — Felgar	10$00
A. J.	20$00
Reinaldo Pinto Figueiredo	20$00
José Braz Dourado — Rio de Janeiro	200$00
ONIL — Lisboa	200$00
Artur Fernandes de Freitas	100$00
Arnaldo Alpoim da Silva Meneses — Beira	50$00
Anónimo	150$00
P. S. P.	50$00
Capitão José Maria de Magalhães Couto	50$00
Anónimo	100$00
Armindo de Freitas Lima — Lordelo	50$$0
Luís Correia de Sousa Areias	100$00
Benjamim de Castro Alves Ferreira	20$00
Domingos Alves Ferreira	20$00
Luís Teixeira de Carvalho, por alma de seus pais	10$00
A transportar . . .	16.177$00

NOTA: Também recebemos do Rev. P.e Manuel Gonçalves Maia, Pároco de Donim, a quantia de 15$00 para os presos da cadeia daquela freguesia, conhecidos por «Poeta», «Piloto» e «Melhoria».

Recebemos outros donativos a que demos o devido destino e a que nos referiremos na próxima lista a publicar.

"O Lar do Comércio"

Resultado da extracção do SORTEIO DO NATAL de 1948:

1.º prémio, 100.000; 2.º, 33.948; 3.º, 79.668; 4.º, 72.117; 5.º, 77.971; 6.º, 65.020; 7.º, 32.833; 8.º, 67.569; 9.º, 86.401; 10.º, 63 608; 11.º, 13.631; 12.º, 18.214; 13.º, 20 941; 14.º, 73.417; 15.º, 2.608; 16.º, 98.321; 17.º, 3 937; 18.º, 53.397; 19.º, 69.445; 20.º, 98.164; 21.º, 41.152; 22.º, 76.080; 23.º, 13 768; 24.º, 26.996. Aproximações: Ao 1.º prémio, 1 c 99 999; ao 2.º, 33 947, c 33.949; ao 3.º, 79.667, c 79.669. Terminações: Todos os números terminados em 000.

Santa Casa da Misericórdia

Sessão de Mesa de 17 de Dezembro de 1948

Sob a presidência do Provedor, Sr. Mário de Sousa Meneses, reuniu a Mesa Administrativa da Santa Casa da Misericórdia.

— Depois de lida e aprovada a acta da sessão anterior, foi tomado conhecimento de um ofício do Sr. Vice-Presidente da Federação das Caixas de Previdência a pedir condições para ser alugada a casa de Vizela, pertencente a esta Misericórdia, para ampliação das instalações do seu Posto Clínico n.º 52, naquela Vila.

Como não pode ser dado àquele prédio destino diferente do das disposições testamentárias, não pode a Mesa aceder ao pedido da Federação das Caixas de Previdência, o que foi resolvido comunicar àquela Federação.

— O Sr. Provedor comunicou que o Sr. Dr. Henrique Cabral, Delegado do I. N. T. P., em Braga, lhe tinha feito pedido verbal para a Mesa autorizar que na Secretaria do Asilo de Sousa Martins, de Vizela, fosse permanecer, durante algumas horas diárias e a título precário, um funcionário encarregado da fiscalização de horá iode trabalho.

A Mesa resolveu atender esse pedido, desde que não sofra alteração o respectivo regulamento daquela Casa de Caridade.

— No decorrer da sessão foi recebido uma nota da Sr.ª Directora do Hospital solicitando o fornecimento urgente dos seguintes tecidos:

Colchas para camas dos doentes e asilados; Pano para lençóis; Pano azul para batas das empregadas; Riscado para colchões; Riscado escuro para aventais; Riscado para camisas dos asilados; Cotim para fatos dos asilados; Guardanapos para os doentes e asilados, resolvendo a Mesa procurar, dentro do possível, satisfazer essas necessidades para o que conta com o auxílio dos Srs. Industriais desta terra.

— Foi resolvido melhorar, como de costume, as refeições nos dias de Natal, Ano Novo e Reis, aos internados nos Asilos e nos Hospitais de Guimarães e de Vizela, a cargo desta Misericórdia.

— Por desistência do inquilino, Sr. José Gonçalves, a Mesa resolveu arrendar a António Gonçalves a loja que era ocupada por aquele Sr.

— Foram ainda tratados diversos assuntos de interesse para a Santa Casa, verificado o cumprimento de todos os legados e aprovado o balancete do cofre, apresentado pelo Sr. Tesoureiro.

— Registou, com muito reconhecimento, os seguintes donativos:

De um Anónimo: — 1 carro de milho, 1 pipa de vinho, 5 alqueires de feijão e 10 arrobas de batatas;

Do Sr. José da Costa Santos Vaz Vieira e esposa: — 350$00 para o Hospital, 150$00 para o Asilo de S. Paio e 15 alqueires de milho para o mesmo Asilo;

Do Sr. Comandante da P. S. P.: — 5 galinhas, 1 galo e 1 perú;

Do Sr. António José Pereira de Lima: — 2 peças de pano para lençóis de 1,40.

Siga o nosso conselho

Para comprar Agasalhos, Blusas, Camisolas, Pulovers, Pijamas, Ceroulas, Meias e Peúgas de lã, o mais completo sortido, só na CAMISARIA MARTINS a CASA DAS MEIAS. 1088

Aquecimento
Ventilação
Secagem
1019
VICTOR PEÑALBA
Rua Passos Manuel, 183 — *PORTO*
TELEF., 26698.

Teatro Jordão APRESENTA **HOJE, às 15 e às 21 horas**

A rainha das operetas! O mais belo espectáculo de música e mulheres que o cinema nos deu até hoje!!
DENIS MORGAN, ARLENE DAHL, ALAN HAL, GEORGE TOBIAS, etc.
ROSA SILVESTRE
Uma maravilha em tecnicolor.

Terça-feira, 4, às 21,30 horas:
Companhia Brasileira de Comédias
EVA E SEUS ARTISTAS
na peça de grande sucesso
MARIA FUMAÇA

Quinta-feira, 6, às 21 horas:
ABBOTT E COSTELLO AUTOMOBILISTAS
Os inegualáveis reis do riso mais divertidos do que nunca!!

Sábado, 8, às 21,30 horas:
CINEMA POPULAR!! A PREÇOS POPULARES!!
A SOMBRA DA AGUIA
com: JONH WAINE, DOROTHY GUILLIVER, etc., etc.
Um filme de mistério e aventuras que leva o público ao rubro do entusiasmo!
Quem é o famigerado AGUIA?

COMODIDADE
ELEGÂNCIA
MODELAÇÃO IMPECAVEL
EM TODOS OS TAMANHOS
VENDEDOR EXCLUSIVO:
Sapataria LUSO
1069 GUIMARÃES

FRANCISCO JOAQUIM DE FREITAS & GENRO
CASA CHAFARICA
(REGISTADA) (300
Largo do Toural, 70 a 73 — Telefone, 4306 — GUIMARÃES
Anexo: ARMAZÉM DE MERCEARIA de Francisco Pereira da Silva Quintas
CORRESPONDENTES de:
Banco Borges & Irmão, Banco Burnay, Banco Espírito Santo e Comercia de Lisboa, Banco Lisboa & Açores, Banco Pinto & Sotto-Mayor, Banco Português do Atlântico, Banco Regional de Aveiro, Credit Franco-Portugais, Piano Pereira & C.ª — Banqueiros.
DEPOSITARIOS de:
Companhia Portuguesa de Tabacos, A Tabaqueira, Fósforos, Companhia Previdente, Produtos "Shell", Sociedade de Produtos Lácteos.
Vinhos Borges e Lotaria do Banco Borges & Irmão.
Recebem-se encomendas para fornecimento de SULFATO, ADUBOS e ENXOFRE, da CUF, que serão executadas na sua totalidade e aos preços oficiais.
SEGUROS EM TODOS OS RAMOS

GARRAFAS VAZIAS NOVAS
CHEGOU NOVA REMESSA
Mário Sampaio
Rua da Madroa, 29 — Guimarães.

Vai ao PORTO?
Não gaste muito dinheiro. Almoce ou jante com 8$80 no **Restaurante Lusitânia** — R. do Bonjardim, 338.

MATAR SAUDADES

XVII

Já vamos tão longe, e ainda tanto por dizer! Ainda agora vi ali na parede três rapazes esbeltos, como três flores viçosas, que parecem dizer: «Fale de nós, Sr. Director!» E eu que realmente tencionava falar dos três garbosos atletas de antanho, virei de bordo e resolvi fazer escrever a outrem a crónica de hoje.

Está a fazer quase um século que um distinto publicista, saindo de Guimarães, para Felgueiras, escreveu umas coisas que não hão-de ficar mal neste museu de velharias. O escritor meteu versalhada em francês, mas eu desadoro as comidas com molho francês, e vou por tudo em pratos limpos... de bom português. E até as notas vão ficar aqui notadas.

Diz o laureado publicista:

«A jornada não é custosa, mas como temos de partir desta nobre e antiga Guimarães, berço de nossos reis, urge madrugar, porque transpor duas léguas leva seu tempo, e o levantar do sol quer-se desfrutado pelo menos já de Felgueiras.

Srs. amigos! nada de sono, e a caminho, que as três horas acabam de soar compassadas na velha torre da nossa insigne, mas *novíssima* Colegiada. (1).

Vamos; vamos, que temos de trepar aquele cerro empinado da Penha, que lá vedes a sudeste com suas verrugas pardacentas que deixaramos à direita.

.....

Não vos disse que nada de receios? Está ganha com Deus a crista da temerosa *Penha*, e nós que o palmilhamos, como se nada fora!

Se no entanto quereis descansar um instante, sentemo-nos voltados para Guimarães, envolvida em seu manto cinzento, que apenas se divisa iluminada pelo escasso cintilar das estrelas, e filosofemos, que esta hora misteriosa pela calada da noite, é azada para isso.

Elevemos primeiro deste sítio alpestre em que nos achamos os olhos para o firmamento semeado de mundos inumeráveis que giram no espaço quase infinito que nos circunda, e sabendo que

Os séc'los, bem revelando
Seu alfabeto impotente,
Nome a um, mil omitidos,
Destes astros dão sòmente.

digamos acordes com o Rei-Profeta: *Como os Céus narram a vossa glória, ó meu Deus, e como o firmamento anuncia ser obra das vossas mãos!* (Salmo 18, v. 12).

Depois baixemo-los devagar por sobre esse vale profundo que se cava e estende a nossos pés até aos montes fronteiros de forma vaporosa e fantástica que se confundem com as nuvens orlando o horizonte.

No fundo do vale lá jaz Guimarães adormecida no silêncio. Dir-se-ia que repousa das fadigas seculares por que há passado! E seus filhos?...

O que será dos filhos actuais de Guimarães daqui a um século... Terão passado... e

Rola sobre outra a nova geração,
Sublime estrondo no pensar do homem,
Que findará no abismo onde o consomem
Profundezas que um eco apenas dão!

O que é feito dos que nos precederam? o que é feito principalmente de nossos pais que ainda não há muito viviam?!... Perguntai-o ao sepulcro que os enguliu:

Ai que ainda hontem repousavam plácidos!
Hoje duvida o nosso coração
Que já corroam vermes esta carne
Da qual a nossa carne era porção!

Como vêem, o simpático cronista, que não podia pensar em nós, pensou em nossos avós, que eram, para ele «os actuais filhos de Guimarães». Agradeçamos a sua lembrança, e bendigamos a sua memória, pois não sendo de Guimarães, amava-a deveras e não cessava de celebrar e cantar as suas belezas e grandezas, como prova o livro de que isto é pequeníssimo recorte. Deus lhe dê o pago lá no Céu.

Os versos que aí ficam, foram postos em vernáculo por um ilustre filho de Braga, mas são de Lamartine. Esse filho de Braga, morto na flor dos anos, a quem chamavam o *S. Luís Gonzaga de Braga*, deixou muitas coisas lindas esparsas pelos jornais, em prosa e verso. Tem sobretudo dois volumes preciosos, que não envergonhariam a qualquer dos nossos literatelhos de hoje que alinhavam livros: *A reacção* e *O prestígio das palavras*.

Note-se ainda que o autor da crónica de hoje deu o seu passeio em Dezembro, e nós em Dezembro estamos, bem preparadinhos para celebrar com pandeiretas e ferrinhos a Novena do Menino Deus.

Vamos lá até à Oliveira e até... Caneiros!

(1) A nossa bela Colegiada da Senhora da Oliveira, é talvez, dos magníficos edifícios do seu género espalhados por todo o reino, a que aparenta mais novidade, graças aos estuques e caiaduras com que, querendo embelezá-la, encobriram aquela *sinfonia de pedra*, como diriam os amadores.

Não elogiamos o gosto dos reformistas, antes pelo contrário; mas também não aprovamos queixas acerbas em demasia e extemporâneas, que nada perdoam, que ferem talvez inocentes, e não admitem desculpa, quando poderia have-la, ao menos em parte.